

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja

Class.: 33

Data: 15.12.71

Pg.:



Apoena Meireles entre os cintas-largas: a difícil missão de pacificar 5 000 índios revoltados

INDIOS

Selva de boatos

Muitas vezes o boato é como uma moeda falsa, aceita sem desconfiança se distribuída por pessoas idôneas. Talvez por esse motivo não houve sequer desmentido oficial quando alguns dos mais respeitáveis jornais do Rio e São Paulo noticiaram, na semana passada, ter sido brancos e não índios cintas-largas os autores da morte do ex-jornalista e sertanista Possidônio Bastos (VEJA n.º 170), em Rondônia, em meados de novembro. O boato, no caso, podia ser aceito pelo leitor mais desconfiado. A região do assessorado, o Parque Nacional do Aripuanã, rica em cassiterita, ouro, diamantes e ametistas, é há muito cobiçada por grandes empresas de mineração. Para evitar que os choques entre índios e garimpeiros dificultem o trabalho de pacificação dos sertanistas, as próprias autoridades têm-se empenhado em que os contatos com os cintas-largas, iniciados há três anos, se processem o mais rápido possível. Possidônio, cujo trabalho a serviço da Funai seria contrário aos interesses dessas empresas, teria sido eliminado exatamente por ser um obstáculo indesejável.

Culpa da Funai — O deputado federal Jerônimo Santana (MDB-Rondônia), apoiado em uma bengala e nas cartas que recebe diariamente de seus eleitores, deu

ao boato a sua indispensável confirmação parlamentar. Da tribuna da Câmara, enquanto desempoeirava a idéia do bom selvagem — do índio puro e incapaz de qualquer maldade, mesmo na defesa de seus interesses —, tão ao gosto dos filósofos do século XVIII e dos escritores românticos, fez duras acusações à Funai. afirmou, por exemplo, que a Fundação, cuja função original é garantir a sobrevivência dos índios, “patrocina a constante invasão por empreiteiros do território indígena”. Empresas de mineração de grupos econômicos que atendem pelos nomes de Galdeano e Halles e uma companhia de mineração chamada por coincidência Aripuanã corromperiam com somas irrecusáveis os indianistas mais dedicados. Em troca, a qualquer indício de jazidas, eles lhes comunicariam as suas descobertas. E assim a própria Funai teria, por tabela, “culpa na morte de Possidônio”.

Provas de paz — Procedentes ou não, as denúncias do deputado foram, no entanto, prejudicadas pelo seu oportunis-

Bastos (de chapéu): morto sem resistir



mo. Ainda na semana passada, com uma sinceridade primitiva, os próprios índios se encarregaram de desmentir o boato, evidentemente o ponto de partida para as acusações de Jerônimo Santana. Vinte cintas-largas voltaram a atacar o subposto da Funai e feriram a tiros Apoena Meireles, um de seus maiores defensores. O sertanista havia se afastado para uma busca a dois companheiros de Possidônio, ainda desaparecidos, um radioperador e uma cozinheira, índia aculturada.

Apoena, 21 anos, está acostumado a tratar com os índios. Desde os quatro anos acompanha o pai, o sertanista Chico Meireles, 63 anos, nas suas missões. Os dois fizeram, em 1968, os primeiros contatos pacificadores com os 5 000 cintas-largas de Rondônia. Por isso não reagiu ao ser atacado. Ferido no braço, correu em direção ao acampamento, onde seus companheiros afugentaram os perseguidores utilizando-se de fogos de artifício. Acompanhado por seis soldados da Polícia Militar de Pôrto Velho, que ameaçam acionar seus velhos fuzis Mauser caso sofram ataque indígena, Apoena procura tranquilizá-los, garantindo-lhes que conseguirá pacificar “sem sangue” os cintas-largas. Com a mesma dedicação de Possidônio, que morreu sem oferecer resistência, ele impediu há alguns dias que os suruis organizassem uma expedição punitiva aos cintas-largas e, como prova de paz, promete devolver aos índios as duas flechas que retirou do corpo do companheiro.

O GLOBO